

## ECOS DO SILÊNCIO NO TOM POÉTICO DE MARCO LUCCHESI

 Clivia Martins de Oliveira Cainelli<sup>1a</sup>

<sup>a</sup> Faculdade União Paulistana – FAUP, São Paulo, SP, Brasil

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

CAINELLI, Clivia Martins de Oliveira. Ecos do silêncio no tom poético de Marco Lucchesi. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 72, p. 1-8, e27992, jan./mar. 2025. Ensaio. <https://doi.org/10.5585/2025.27992>

### Notas dos autores

Conflito de interesse: Os autores não declararam quaisquer potenciais conflito de interesse.

Autor Correspondente: Clivia Martins de Oliveira Cainelli. [professoraclivia@gmail.com](mailto:professoraclivia@gmail.com)

*A estrela. Uma floresta. A Lua. Um mar aberto. Deus e a pedra. A nebulosa e a formiga. A interlúngua do silêncio universal. (Lucchesi, 2024).*



<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Nove de Julho e doutoranda em Educação pela Fundação Iberoamericana. Pós-graduada em tradução de espanhol pela Universidade Estácio. Graduada e Licenciada em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade de São Paulo. Autora de diversos textos publicados e, atualmente, é pesquisadora do grupo ligado ao CNPq: Tempo – Memórias – Marco Lucchesi: Práticas das transformações silenciosas. Email: [professoraclivia@gmail.com](mailto:professoraclivia@gmail.com)

A obra *Silêncio*, de Marco Lucchesi, evidencia uma sinfonia literária em três movimentos, articulada em torno de cento e cinquenta aforismos, que repercutem a profundidade filosófica e poética do autor, em uma viagem ao âmago do ser e do cosmos. Nas presenças e ausências das sonoras palavras, vivenciam-se momentos de suspensão, respiro e transcendência, ao permitirem a compreensão de inefáveis ideias nos plurais espaços do percurso, lembrando o trabalho original e arrojado do compositor e regente Stravinsky em sua criação musical: “Na rítmica, a originalidade da técnica e a assimetria audaciosa e perturbadora subvertem o sentido de causalidade da métrica tradicional.”<sup>2</sup>

A partir das epígrafes de John Cage, Hölderlin e Kant, o autor conduz sua poesia pelas veias do sublime ritmo da palavra a ecoar no espaço vazio para se dissolver e se refazer infinitamente. Alcança as alturas do espiritual e do excelso, ao desafiar as rígidas categorias e abrir caminho para o mistério, a partir de negações, afirmações e questionamentos a fim de que se possa confrontar a respeito dos limites da linguagem e, conseqüentemente, da compreensão humana, em um ambiente criativo das partes: “Melodia do Logos”, do “Éter” e “Αφελε παντα”.

3

E, ao seguir as marcas deixadas pelo autor, cogita-se descortinar um pouco da grandeza do círculo hermenêutico que volteia as páginas de *Silêncio*, em tríplice momentos: “o tom dialético do silêncio”; “a inquietude da palavra poética”; “a escuta sagrada do silêncio”, pensando nas palavras iniciais de Lucchesi: “Tenho a esperança de que formem um ecossistema, que correspondam a um círculo hermenêutico.”<sup>4</sup>

### O tom dialético do silêncio

O silêncio de Marco Lucchesi assume um papel multifacetado, pois é ao mesmo tempo ausência e presença, vazio e plenitude, ponto de partida para o conhecimento. Na dinâmica dos opostos, o leitor se depara com diversos cenários e variações que, para escutá-lo, pede leitura, releitura, paciência e profunda reflexão mediante a polifonia de sua literatura, lembrando a menção de Heller (2088)<sup>5</sup> sobre uma experiência musical de Cage: “por mais que tentemos fazer silêncio não o podemos: não há silêncio que não esteja grávido/prenhe de som: ‘nenhum som teme o silêncio que o extingue, e não há silêncio que não esteja grávido de sons.’”

<sup>2</sup> STRAVINSKY, Igor. *Sinfonia em três movimentos*. Disponível em: <https://filarmonica.art.br/educacional/obras-e-compositores/obra/stravinsky-sinfonia-em-tres-movimentos/>

<sup>3</sup> Segundo o google tradutor, do grego: “Esqueça tudo”. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=google+tradutor&oq=go&aqs=chrome.0.69i59l2j69i57j46i131i199i433i465i512j0i433i512l3j0i512j0i433i512l2.4075j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

<sup>4</sup> LUCCHESI, Marco. *Silêncio*. Editora Litteralux: Guaratinguetá, 2024, p. 09.

<sup>5</sup> HELLER, Alberto Andrés. John Cage e a poética do silêncio. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91918>



O tom dialético, nos primeiros cinquenta aforismos, repercute na potente melodia, ao valorizar o silêncio em sua plenitude como uma experiência direta e subjetiva digna de ser explorada, em sua importante relação com a palavra. A interior voz do poeta envolve e entoia a urgente necessidade de compartilhar e perscrutar com o outro tudo o que de estético, ético e sensorial se ouviu em “Melodia do Logos”, na entonação do pensamento de Bachelard (2003): “A repercussão opera uma revirada do ser – parece que o ser do poeta é nosso ser e que tudo que é especificamente humano no homem é *logos*, compreendemos a imagem poética como acontecimento do *logos*, e esta é (para nós) inovadora.”<sup>6</sup>

O finito e o infinito, o humano e o divino, o conhecido e o incognoscível carregam a metáfora neoplatônica da negação, do excesso e remoção, na tentativa de negar as limitações, ampliar o sentido de plenitude e desfazer as inadequadas concepções a respeito do silêncio, no entanto, sem a necessidade de buscar uma síntese final ou mesmo explicar, quem sabe, a de evocar a coexistência das tensões conforme as notas de uma composição musical. Lucchesi, dessa maneira, propõe ao leitor considerar o contínuo fluxo do silêncio como se fora uma melodia aberta à incomensurável interpretação e possível de redescobrir o mundo, na: “Defesa do silêncio, não do vazio. Isento de passiva ou imóvel condição. Dinâmica de orvalho sobre pétalas. Apofasia.”<sup>7</sup>

O diálogo em *Silêncio* é meditativo e realiza-se aos acordes da poesia, entrelaçando ecos de mistério e revelação. O não dito parece dar o tom à intensidade do sentir, na passagem das palavras impressas por tintas do criar, traçar linhas possíveis e abrir novas possibilidades de vidas, no mesmo ritmo sugerido por Paz (1982) ao afirmar que: “O ritmo não é medida, nem algo que está fora de nós; somos nós mesmos que nos transformamos em ritmo e rumamos para ‘algo’. O ritmo é sentido e diz ‘algo’. Assim seu conteúdo verbal e ideológico não é separável. Aquilo que as palavras do poeta dizem já estão sendo dito pelo ritmo em que as palavras se apoiam.”<sup>8</sup>

### **A inquietude da palavra poética**

A tensão entre o indizível e o poder expressivo da palavra poética parece ser o eixo central da obra, pois, ao longo dos aforismos o autor explora a fugidia natureza da linguagem e sua relação com o silêncio como força primordial. Ao fixar o pensamento de Hölderlin, no

<sup>6</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2003, p. 187.

<sup>7</sup> IBIDEM, p. 30.

<sup>8</sup> PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Editora Nova Fronteira S/A: Rio de Janeiro, 1982, p.71.

início de “Éter” com dois versos do poema “Quando Era Menino ...”, presume-se encontrar uma matriz de significados que desafia a linearidade e a superficialidade do discurso cotidiano, a partir da expressiva palavra, que o poeta e filósofo alemão sintetiza em: “Entendia o silêncio do Éter / Palavras dos homens nunca as entendi. ”

Ao perceber o silêncio do éter, Lucchesi inspira o leitor a habitar o entremeio, ou seja, um espaço intermediário entre a vastidão do inexprimível abismo e o limitado potencial da linguagem, em uma saudável inquietude, de maneira que a palavra ressurgja e ecoe, embora fragmentária, em inomináveis verdades, assim como retrata nos cinquenta axiomas de “Éter”, de acordo com alguns exemplos de perfeitas metáforas:

“O silêncio é a matéria do poema. Capaz de circundá-lo em seu teor fosforescente. ”<sup>9</sup>

“Brota do espaço entre os signos. Antes, no corpo da palavra. A cada consoante, e em todas as vogais.”<sup>10</sup>

“Dinâmica do orvalho. Cinética da noite. Aportes do silêncio. ”<sup>11</sup>

“Intimidade na distância. Um salto descontínuo. E o todo que se atinge de modo parcial. Às margens do silêncio, enquanto salvaguarda. ”<sup>12</sup>

“Silêncio e não silêncio. Palavra e não palavra. Poética nascente. Manancial. ”<sup>13</sup>

*Silêncio* repercute a inquietante palavra nos versos de Rilke, no Paraíso de Dante, nos abismos do cosmos, na superfície da natureza e, ao unir poetas do Oriente do Ocidente consagra o silêncio como uma presença que perpassa culturas, épocas e paisagens. Tece um sublime e delicado diálogo com Nietzsche – “o orvalho desce sobre a relva quando a noite é mais silenciosa. ”<sup>14</sup> –, permitindo ao repouso ser um fértil espaço de criar e recriar o mundo sensível e o pensamento filosófico.

Após ler e reler diversas vezes esse pensamento, vislumbra-se o orvalho nietzschiano em uma multiplicidade de sentidos, que, dentre eles, destacam-se o processo silencioso de renovação da terra e o emergir de ideias durante os momentos de introspecção e quietude, além de olhar o repouso, não apenas como inércia, porém, um terreno propício ao florescimento do novo e do recriar constante da existência. Nesse contexto, Deleuze (1976) ao mencionar Nietzsche aponta: “Todo aforismo deve, portanto, ser lido duas vezes. Com o lance de dados, começa a interpretação do eterno retorno, mas ele apenas começa. ”<sup>15</sup>

<sup>9</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>15</sup> DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Editora Rio: Rio de Janeiro, 1976, 1.ª edição brasileira.

## A escuta sagrada do silêncio

No momento dos últimos cinquenta aforismos, instaura-se um profundo diálogo entre o humano e o universo. Evoca tradições filosóficas e místicas, ao abrir um portal de força criadora, permitindo que o reverberar de vida e de morte encontre morada na consciência, “nos densos pressupostos kantianos.”, haja vista, a vontade de Lucchesi, assim como Kant, relembrar a relação entre a finitude da linguagem humana e a tentativa de capturar o infinito ou eterno em palavras.

Ao utilizar a expressão “Deixe tudo”<sup>16</sup> para nomear a última parte da obra, sugere um despojamento, um caminho para a essência do discurso e do ser, no sentido de libertar-se das diferenças sociais, preconceitos e divagações que obscureçam o irrevogável, em um silêncio, que pode estar relacionado com o que Kant vislumbra nos limites da experiência e do sublime, em sua reflexão sobre a experiência estética e moral. Para Kant, portanto, a moralidade está intrinsecamente ligada à autonomia da razão prática e ao respeito pela moral dentro de nós.

E o silêncio pode ser visto como uma pausa necessária para ouvir essa lei interior, um momento de recolhimento em que a voz da consciência se torna audível, sendo que o autor frequentemente associa o silêncio a momentos de introspecção, em que a alma humana encontra ressonância com o universal e o eterno.

Lucchesi estabelece um diálogo filosófico com Kant, a partir da conjuntura sobre a natureza humana face à conduta moral no que tange a: “no homem não há germes senão para o bem”.<sup>17</sup> E descreve o silêncio como um estado em que a imaginação se vê incapaz de abarcar a grandiosidade da natureza ou de certos conceitos, como o infinito ou o absoluto. Esse silêncio não é apenas a ausência de som, mas a experiência de um limite que desafia a razão e, ao mesmo tempo desperta um sentimento de reverência diante do místico: “Silêncio místico, pós-racional. Leituras do intervalo, propostas lacunas.”<sup>18</sup>

Portanto, tanto para Kant quanto para Lucchesi, o silêncio emerge como um terreno sagrado, diante do qual se realiza a transcendência – um espaço de experiência estética, ética e espiritual a se fundirem na relação com o mundo e a linguagem, conforme se pode constatar no seguinte fragmento: “Silêncio corpo sem corpo, matéria sem matéria. Dissolve-se o Eu-Tu. Resta somente o traço de união”.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Ibidem, p. 67. Tradução aproximada de *Ἀφελε πάντα*, em “Deixe tudo”. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Traduzir+A%CF%86%CE%B5%CE%BB%CE%B5+%09%CF%80%CE%B1>

<sup>17</sup> PINHEIRO, Leticia Machado. *Pressupostos Kantianos da Disposição Originária para o Bem*. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/phronesis/article/view/13986>

<sup>18</sup> Ibidem, pág. 88.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 91.

E a proposta dialógica do filósofo e teólogo Martin Buber, ao apresentar de forma clara duas atitudes do ser humano frente ao mundo, por intermédio dos princípios “Eu-Tu e Eu-Isso”, amplia o sentido de realização do homem no relacionamento com o outro, de forma a se encontrar preparado para ouvir atento a palavra e encontrar-se pronto a respondê-la, inclusive ao se dirigir a Deus: “Ouvir a palavra que é dirigida, por mais desafinado que seja o som com que ela fira o teu ouvido – e não deixar ninguém interferir! Dar a resposta vinda das tuas profundezas, onde vibra ainda o sopro daquilo que te foi insuflado – e a ninguém é permitido de influenciar.” (Buber, 1982, p. 112).<sup>20</sup>

Em *Silêncio*, o autor (EU) direciona a palavra ao leitor (Tu) em um verdadeiro diálogo, mediado por uma atenta e profunda escuta, no sagrado espaço do Absoluto. Resgata, assim, o estado essencial para a contemplação do divino que transcende todo o conhecimento e a linguagem pela “via negativa” do silêncio na Teoria Mística de Pseudo-Dionísio, conforme já declarava Marco Lucchesi em *Nove Cartas sobre a Divina Comédia*: “A expressão dionisiana deságua, enfim, no silêncio radical. O vigor dessa teologia negativa e silenciosa, resplandece no céu da Divina Comédia ou no seio da noite escura de Juan de la Cruz. / “Ouça a música das palavras e o valor do silêncio.”<sup>21</sup>

### **O tom simbólico ecoa na composição do silêncio poético, ao infinito - - -**

A melodia dos instantes poéticos de *Silêncio* é ininterrupta. Vem do passado, cruza o presente e entoa o futuro de uma edificante paz universal, ao sintetizar em sensíveis expressões, segundo Chevalier (2021), “as influências do inconsciente e da consciência, bem como das forças instintivas, espirituais em conflito ou em vias de se harmonizar no interior de cada homem.”<sup>22</sup>

E ao considerar o caráter reflexivo da obra, o poeta inaugura e perpetua movimentos que cantam a beleza dos encontros entre razão e poesia, das conexões entre o humano e o transcendente, do retorno ao essencial e à simplicidade, imagens disponíveis ao contemplativo olhar nas cores, linhas, superfícies, formas, volumes, luzes e sons. É uma literatura, que ao lembrar Blanchot (2011), encontra-se vinculada “a uma fala que não pode interromper-se porque ela não fala, ela é. O poeta é aquele que ouviu essa fala, que fez dela o intérprete, o mediador, que lhe impôs o silêncio, pronunciando-a.”<sup>23</sup>

<sup>20</sup> SILVA, Maycon Renan da. *Eu e Tu Como Proposta Dialógica em Martin Buber*. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/11903>

<sup>21</sup> LUCCHESI, Marco. *Nove Cartas sobre a Divina Comédia. Bazar do Tempo*: Rio de Janeiro, 2021, p. 120-121.

<sup>22</sup> RIBEIRO, Emilio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/49258>

<sup>23</sup> BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Editora Rocco Ltda.: Rio de Janeiro, 2011, p.29.

*Silêncio* descortina os segredos do pensamento como harmonia universal, os véus que separam o visível do invisível, o fértil vazio que sustenta todas as coisas, em uma visão holística do micro e macrocosmos: “A estrela. Uma floresta. A Lua. Um mar aberto. Deus e a pedra. A nebulosa e a formiga. A interlíngua do silêncio universal.”

Abre clareiras no denso emaranhado do tempo e do espaço, na força das palavras, revelando o silêncio criador, a ecoar metáforas que, ao desafiarem o pensamento linear, encorajam o explorar de abstratas e intuitivas dimensões: “Silêncio. Da dialética ao diálogo, da comunicação à comunhão. Eros que se enamora de um Tu infinito.”

Explora a dual natureza da linguagem em seu caráter construtivo ou destrutivo, reflexo do processo histórico e das forças culturais que a moldam. Depende do contexto e da interpretação individual e coletiva, carregando consigo os ecos de disputas ideológicas e de valores: “Não é unívoco, irreversível. Tesouro de paz ou butim de guerra. Não fere e não desarma. Tão incapaz de vida e de morte.”

Nos silenciosos instantes de leitura dessa importante obra à renovação do ser, o corpo repousa e o pensamento flutua diante dos símbolos que se revelam, ora em rompimento, ora em união, ao atravessar, provar e sentir, sem, contudo, desvendar diversos mistérios dessa enigmática composição poética.

Deve, por isso, permanecer ao alcance das mãos como um precioso guia a ser percorrido e partilhado com o outro, sazonalmente, em nome de se reencontrar com diferentes e atualizados tons de esperança, representados, provavelmente, no final da obra pelo símbolo final: 50. - - -.

<sup>24</sup>,

### Referências

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2003, p. 187.

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Editora Rocco Ltda.: Rio de Janeiro, 2011, p.29.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Editora Rio: Rio de Janeiro, 1976, 1.<sup>a</sup> edição brasileira.

HELLER, Alberto Andrés. *John Cage e a poética do silêncio*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91918>

LUCCHESI, Marco. *Silêncio*. Editora Litteralux: Guaratinguetá, 2024, p. 09.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 91.

LUCCHESI, Marco. *Nove Cartas sobre a Divina Comédia*. Bazar do Tempo: Rio de Janeiro, 2021, p. 120-121.

PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Editora Nova Fronteira S/A: Rio de Janeiro, 1982, p. 71.

PINHEIRO, Letícia Machado. *Pressupostos Kantianos da Disposição Originária para o Bem*. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/phronesis/article/view/13986>

QUINTELA, Paulo. *Hölderlin Poemas*. Edições Rocio: Lisboa, 2020, p. 53. Disponível em: [https://docs.google.com/document/d/1zyXnmzsLhHKmuMaIwzQS1XqxASgJJ5pTk\\_DffeYsYbU/edit?tab=t.0](https://docs.google.com/document/d/1zyXnmzsLhHKmuMaIwzQS1XqxASgJJ5pTk_DffeYsYbU/edit?tab=t.0)

RIBEIRO, Emilio Soares. *Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce*. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/49258>

SILVA, Maycon Renan da. *Eu e Tu Como Proposta Dialógica em Martin Buber*. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/11903>

STRAVINSKY, Igor. *Sinfonia em três movimentos*. Disponível em: <https://filarmonica.art.br/educacional/obras-e-compositores/obra/stravinsky-sinfonia-em-tres-movimentos/>